

Entre o Legal e o Ilegal: políticas públicas e os saberes produzidos pelas "rodas de fumo" em Angra dos Reis-RJ¹

Yuri José de P. Motta²

Introdução

O objetivo principal deste artigo é analisar dois tipos de conhecimento: o de quem fala sobre o consumo e o de quem consome. A metodologia antropológica é utilizada em ambas as etapas da pesquisa, onde a coleta de dados etnográficos partiu da realização do trabalho de campo.

É importante destacar que foram feitos para a realização desta pesquisa dois trabalhos de campo distintos: o primeiro no Conselho Municipal de Entorpecentes (COMEN) onde frequentei as reuniões semanais durante três anos, e o segundo nas “rodas de fumo” com usuários de maconha em uma universidade pública no município de Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro.

Com relação ao trabalho de campo realizado no COMEN a intenção foi justamente compreender como os discursos oficiais são colocados em prática, contextualizando e trazendo observações de como o Conselho funciona em seu dia a dia, abordando seus empecilhos, métodos de trabalho e o cotidiano das pessoas que o compõe.

O trabalho de campo realizado nas “rodas de fumo” foi complementado pela observação participante na coleta dos dados etnográficos, no qual busquei compreender as práticas de uso em torno da maconha, visando entender como os sistemas normativos afetam os consumidores e como eles se relacionam com essas normatividades.

Este trabalho traz um recorte do trabalho de Monografia apresentado em 2016 para obtenção do título de Bacharel em Políticas Públicas pela Universidade Federal Fluminense e está separado por tópicos nos quais se concentram discussões sobre a chegada ao campo, pontuações sobre o COMEN e observações um pouco mais detalhadas sobre as “rodas de fumo”. Procuro desenvolver um estudo que possa ser útil

¹ V ENADIR – GT 13 - Pesquisas etnográficas em fronteiras difusas e contextos de (i)legalidades

² Bacharel em Políticas Públicas pela Universidade Federal Fluminense e Mestrando em Segurança Pública pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito na Universidade Federal Fluminense. Membro do Núcleo de Pesquisa sobre Políticas Públicas no Instituto de Educação de Angra dos Reis (NuPoP/IEAR/UFF) e pesquisador vinculado ao NEPEAC/UFF – Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Administração Institucional de Conflitos. Integrante da equipe do projeto: “As políticas em torno da maconha: produzindo conhecimento sobre o seu uso medicinal e as articulações com a lei e a medicina” (CNPq).

em algum aspecto para a formulação de políticas públicas a nível local, no sentido de incorporar pontos de vista dos próprios usuários.

A chegada ao campo

A chegada ao campo de pesquisa é basicamente minha entrada na universidade. Em 2013 dei início a minha graduação na Universidade Federal Fluminense no município de Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro, aonde, recém-chegado, busquei atividades que pudessem colaborar para minha socialização e interação com o ambiente em geral. Fui convidado por um Antropólogo e professor do campus a conhecer um grupo de pesquisa: O NuPoP (Núcleo de Pesquisa sobre Políticas Públicas). Coordenado por professores de Antropologia, era composto por duas linhas principais de pesquisa: “Ciganos e Políticas Públicas” e “Drogas e Políticas Públicas”.

Participando das reuniões semanais do NuPoP, em 2014 fui convidado pelo professor que coordena a linha de pesquisa sobre drogas e políticas públicas a conhecer o COMEN (Conselho Municipal de Entorpecentes), onde ele próprio já havia estabelecido uma frequência nas reuniões e estabelecido laços de confiança. Iniciei então meu primeiro trabalho de campo.

Durante três anos da graduação frequentei as reuniões que aconteciam de quinze em quinze dias no centro da cidade de Angra dos Reis/RJ, o que contribuiu para a elaboração do meu problema de pesquisa juntamente com a minha entrada em 2015 como membro da equipe do projeto: “As políticas em torno da maconha: produzindo conhecimento sobre o seu uso medicinal e as articulações com a lei e a medicina”, financiada pelo CNPq.

Este ponto é fundamental para compreender a entrada ao campo e a construção do problema de pesquisa, ou seja, como surgiu o interesse por usuários de maconha e como o COMEN foi fundamental para a formulação do questionamento. É importante compreender a distinção de dois trabalhos de campo distintos, o COMEN e o que será trabalhado mais a frente: as “rodas de fumo”. Por um lado eu participava das reuniões de um Conselho que tratava questões relacionadas à repressão ao uso de drogas e por outro lado nas reuniões do NuPoP discutíamos sobre a Maconha Medicinal.

O problema formulado veio a ser tratado na minha monografia: “Canabis em Foco: percepções sobre drogas e políticas públicas no município de Angra dos Reis-

RJ”, como tema central, abordando a relação das instituições com os usuários de drogas, assim como a relação desses usuários com as instituições.

A pesquisa se desenvolveu basicamente em duas etapas: na primeira etapa foi feita uma análise institucional a partir de métodos etnográficos, que ocorreu no COMEN, com a finalidade de colocar sob descrição como os discursos “oficiais” são colocados em prática. Com isso, contextualizar e trazer observações de como essas instituições³ funcionam no dia a dia.

Seguindo a proposta explicitada acima, além da relação das instituições com os usuários de drogas, a segunda etapa da pesquisa foi trazer uma etnografia das “rodas de fumo” praticadas por usuários de maconha e a relação desses usuários com as instituições, ou seja, a pesquisa objetivou compreender dois tipos de conhecimento: o de quem fala sobre o consumo e o de quem consome.

Além de tratar superficialmente a questão do COMEN, buscarei neste artigo focar mais especificamente na segunda etapa da pesquisa: a percepção da concepção do usuário, que se deu através da observação participante nas “rodas de fumo” das camadas médias urbanas, em especial de alunos de uma universidade pública.

Trago a seguir algumas observações sobre o COMEN, instrumento atuante no planejamento e na fiscalização das políticas sobre drogas em Angra dos Reis. Utilizo para dialogar com as minhas pontuações um artigo de Policarpo (2016), que a partir do método etnográfico analisou as ações das políticas públicas relacionadas às drogas no município de Angra dos Reis. A intenção desse diálogo é compreender a atuação dos conselheiros, como justificam suas práticas e ações e também como eles justificam a própria existência do conselho.

Portanto, o trabalho de campo realizado parte da frequência rotineira nas reuniões e nas conversas informais (bastidores) com os conselheiros. Neste caso, eu me baseio nos assuntos discutidos nas reuniões onde foi possível observar as pautas e os temas mais relevantes, assim como as ações tomadas pelo conselho. Vale ressaltar que não optei por entrevistas semiestruturadas justamente com o objetivo de estabelecer um contato rotineiro e direto com as pessoas, portanto privilegiando a interlocução com os membros do conselho.

³ Coloco nesse caso “instituições” no plural porque o COMEN consiste na reunião de representantes de diferentes instituições de saúde do município. Tratarei essa questão mais a frente com um tópico específico.

Conselho Municipal de Entorpecentes (COMEN)

O COMEN foi criado no ano de 1992 e foi influenciado por políticas progressistas e esquerdistas que naquela época estavam se estruturando no município. A principal função do Conselho é fiscalizar as instituições públicas e suas respectivas ações com relação à prevenção e repressão ao uso de álcool e outras drogas. São três coordenações: de prevenção, de tratamento e de fiscalização e repressão, não funcionando em uma estrutura presidencial, optando por diluir o poder e reduzir a concentração de tarefas.

O conselho é composto por representantes de diversas instituições públicas e privadas relacionadas à saúde pública. Entre os conselheiros se encontram funcionários da Santa Casa de Saúde, do Centro de Atenção Psicossocial, do Consultório de Rua, representantes da área de Educação, da Polícia Militar, das Associações de Moradores e até mesmo da Eletrobrás e da Ordem de Advogados do Brasil (OAB).

Problemas relacionais com a prefeitura, disponibilização de verbas para campanhas, análises psicológicas de usuários de drogas que estão em tratamento, questões estruturais nas instituições de saúde são algumas das discussões e pautas mais trabalhadas no COMEN.

A falta de quórum nas reuniões semanais e mensais, segundo Policarpo (2016) é um problema frequente, assim como relatos de omissão e de confusão na prestação dos serviços por parte das instituições públicas. Policarpo (2016) aponta em um contexto municipal que esses problemas são marcados pela falta de comunicação entre as diversas secretarias e fundações que o compõe o município, o que de fato coloca em comprometimento toda a rede de saúde de Angra dos Reis.

O efeito imediato dessa desmobilização dos conselheiros é a falta de quórum que impede qualquer votação. É mais sério que isso são os efeitos políticos sobre o Comen. A criação de conselhos municipais está prevista na Constituição de 1988, “a participação popular através de conselhos”, como observa Margarida. E explica o caso do Comen: “Nós somos deliberativos para tomar decisões do que refere à política pública. Quem formula é a gestão de saúde mental, amparada por tudo preconizando a lei. Quando a saúde mental não formula o conselho vai provocar a saúde mental a fazer, ele vai cobrar”. (Policarpo, 2016, P.6)

Segundo Policarpo (2016), a mobilização e o engajamento político vêm perdendo força com o tempo e com as transformações políticas locais, como é o exemplo da coordenação de fiscalização e repressão que era ocupada por um

representante da OAB, que devido a sua ausência frequente fez o conselho ir perdendo gradualmente a capacidade de fiscalização das políticas públicas sobre drogas do município.

O que observei principalmente foi que o consumo de álcool e cocaína fundamentam todos os problemas relacionados às drogas nas discussões do Conselho, portanto, problemas com *crack* e maconha são praticamente nulos. A ausência de usuários de maconha como foco das instituições e a não presença de movimentos organizados a favor da legalização das mesmas (no COMEN) me intrigou e me fez questionar se os usuários de maconha utilizam as políticas públicas sobre drogas no município de Angra dos Reis.

A junção dos dados etnográficos produzidos a partir do trabalho de campo no Conselho Municipal de Entorpecentes com a minha participação como membro da equipe do projeto relacionado à Maconha Medicinal é fundamental para compreender a ideia de buscar o que não havia no conselho, e entender assim a problematização central da pesquisa: quais são os focos das instituições e quais são as demandas das pessoas que supostamente utilizam ou deveriam utilizar os serviços dessas instituições?

Etnografia nas “rodas de fumo”: o consumo de maconha e as práticas de uso

Parti em meados de 2015 para a segunda etapa da pesquisa: a minha aproximação com os usuários de maconha em um ambiente de fácil acesso e que eu frequentava literalmente todos os dias, a universidade. O consumo não acontecia explicitamente dentro da universidade e também não era o único local onde ocorria, portanto este trabalho de campo não possuía uma sede fixa, como foi, por exemplo, o COMEN. Eram as “rodas de fumo” nômades que a partir de códigos e etiquetas os usuários se camuflavam para não sofrerem repressão penal, física e moral.

Inserir-me nesse universo representou buscar respostas quanto à invisibilidade institucional para com esses usuários. Trata-se de uma etnografia sobre as “rodas de fumo” entre universitários usuários de maconha e visa compreender como essas “reuniões” são importantes para a difusão do conhecimento, aprendizagem de técnicas e percepções da droga, ou seja, práticas de uso.

Os autores Edward MacRae e Júlio Simões (2000) são utilizados como base para esta etapa da pesquisa a partir do livro “Rodas de fumo – O uso da maconha entre camadas médias urbanas”, no qual visa contribuir para a substituição de concepções

convencionais, ou seja, demonstrar como a planta vem desde a sua proibição e criminalização sendo associada à marginalidade social.

Técnicas de pesquisa e perspectivas de observação

MacRae e Simões (2000) utilizam como base teórica para compor o trabalho “Rodas de Fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas”, o autor Norman Zinberg. Segundo Zinberg (1982), o uso padrão e frequente da maconha parte de controles sociais informais juntamente com técnicas de consumo, ou seja, parte do contexto sociocultural denominado pelo autor de *social setting*, que influencia o possível usuário a seguir as respectivas etapas para se tornar um potencial usuário.

Sendo assim, MacRae e Simões (2000) afirmam que as experiências com as “drogas” e as ações em torno delas, produzem um saber específico utilizado por seus consumidores, o que gera conseqüentemente a circulação de saberes e conhecimentos de como usar corretamente as substâncias, justamente nesse ponto dedico minha pesquisa, as “rodas de fumo”.

Norman Zinberg (1982) considera três diferentes fatores para que se possa distinguir o termo “droga”, que é empregado diante dos discursos “oficiais” como algo genérico entre todas as substâncias psicoativas. Os três fatores são noções socioculturais que partem do contexto empírico dos próprios usuários, são eles: *A droga em si*, ou seja, a ação farmacológica da substância. A noção de *set*, isto é, o estado do indivíduo no momento, considerando sua personalidade e condições físicas e psicológicas. E por fim a noção de *setting*, que se baseia no cenário ou no ambiente social, considerando o lugar, as companhias, a percepção social e os significados culturais atribuídos ao uso. (Zinberg, 1982; Becker, 1976)

“Rodas de fumo” (MacRae e Simões, 2000), consiste em um estudo antropológico que visa justamente abordar as discussões sobre o setting, ou seja, busca compreender a partir de usuários regulares de maconha, como os fatores socioculturais influenciam o padrão de uso e os significados atribuídos ao consumo. Os fatores socioculturais, segundo os pesquisadores, possibilitam até mesmo o controle sobre o uso da substância, o que se torna uma teoria fundamental e básica para minha pesquisa.

Howard Becker uns dos pioneiros no estudo social da maconha, parte do princípio de noções desviantes, porém, não se devem considerar segundo ele, as “motivações desviantes” que levam ao uso, mas sim como essas motivações se

desenvolvem ao curso da experiência considerada desviante. Portanto, deve-se considerar segundo Becker (1966), o contato com outros usuários e de como eles são importantes para a aprendizagem da identificação dos efeitos, da forma “correta” de se inalar, sua apreciação, de como o usuário lida com as forças repressivas e de como adquire a erva a partir de técnicas.

O trabalho dos autores MacRae e Simões (2000) contrapõe os primeiros estudos com psicoativos e seus usuários, quebrando o paradigma de que a maconha é o primeiro passo para a degradação física e mental do “mundo das drogas”. Para isso, os autores abordam em específico o uso social da maconha entre camadas médias urbanas, onde os indivíduos são trabalhadores formalmente integrados à sociedade, ou seja, estão mentalmente e fisicamente sãos. Assim como os indivíduos entrevistados por MacRae e Simões (2000), meus interlocutores fazem parte das camadas médias urbanas e são pessoas formalmente integradas à sociedade.

Não se pretenderá aqui desenhar um perfil quantitativo do usuário de maconha, mas sim, inspirando nos métodos de observação participante desenvolvidos pela antropologia, realizar uma descrição de como consumidores regulares de maconha vivenciam sua relação com a substância, procurando assim iluminar os significados culturais associados a este tipo de comportamento. Procuramos retratar do que poderia ser chamado “subcultura da maconha” entre adultos com boa integração social. Desejamos com isso contribuir com um modo alternativo de encarar a questão do crescente consumo da substância. Objetivamente, procurou-se entender de que maneira se desenvolvem entre usuários habituais os padrões de consumo – frequente e controlado da maconha, e qual o papel desempenhado pelos vários agentes de controle social. (MacRae e Simões, 2000, P. 37)

Para não interferir na vida pessoal e preservar a privacidade de cada um dos meus interlocutores alterei todos os nomes. Meus interlocutores estão em diferentes etapas de suas graduações e frequentam diferentes cursos, sendo que todos residem em Angra dos Reis, porém nenhum é natural de lá. Todos consomem regularmente a maconha e estão inseridos socialmente. A construção da narrativa conta também com o uso de categorias nativas identificadas nos ciclos de convívio dos interlocutores e seu meio.

A maioria das pessoas com quem convivi dedicam-se inteiramente a universidade, e outros trabalham no comércio e estudam no período da noite. Optei por consumidores de maconha pela grande disseminação do consumo da erva com alunos da universidade e também por dois aspectos que são fundamentais segundo Filho (1999): a necessidade de amplos estudos epistemológicos em populações específicas e a carência

de estudos etnográficos que aproximem da realidade de grupos onde prevalece a subcultura do consumo de substâncias psicoativas.

As “rodas de fumo” constituem-se de círculos formados por pessoas onde o cigarro de maconha é passado de mão em mão geralmente após duas “tragadas”⁴. Essas reuniões acontecem preferencialmente em lugares onde não há grande fluxo de pessoas e não tenha circulação de crianças. Na maioria das vezes o dono do cigarro é quem acende, para isso é necessário “bolar”⁵ se já não estiver preparado, o que demanda ainda mais privacidade e técnica.

Essa pesquisa foi realizada no local aonde residi durante quatro anos e foi feita com o intuito de atingir redes de usuários locais, e apesar das dificuldades apresentadas pelo estigma social carregado por essa prática, considero positivo os resultados obtidos graças à confiabilidade construída com os interlocutores.

Lembrando que os dados coletados são etnográficos e não expressam nenhuma representatividade estatística, justamente por se tratar de uma observação participante, método etnográfico proposto por Malinowski e trabalhado nessa pesquisa através de Fernandes (2015), visando um estudo de profundidade para além dos discursos oficiais que regem as leis e instituições, com o intuito de instigar reflexões sobre grupos específicos consumidores de drogas.

Traçando o perfil dos usuários

O processo de obtenção de dados foi facilitado devido a já frequentar o local e já possuir uma ampla rede de contatos. Por hora, iremos analisar o perfil biográfico dos estudantes da universidade pública que frequentam diferentes cursos, sendo eles: Geografia, Pedagogia e Políticas Públicas.

Lazo – Políticas Públicas, 23 anos, solteiro. Nascido em João Monlevade – MG, se mudou para Angra dos Reis em 2012, declara-se ter um interesse por política organizada. Teve um contato ligeiro com o candomblé e sua droga preferida é a maconha, na qual usou regularmente durante os últimos 6 anos. Também é usuário de tabaco e álcool, e já fez uso de outras substâncias psicoativas como a cocaína e ácido, porém o que o conquistou foi o “barato” da maconha.

⁴ Consiste no ato de inalar a fumaça.

⁵ É basicamente preparar o cigarro de maconha, para isso é necessário despedaçar a erva e a enrolar no papel chamado “seda”.

Bola – Geografia, 25 anos, solteiro. Nascido no interior do estado de São Paulo, mudou-se para Angra dos Reis em 2014. Já participou de movimentos e grupos de dança de rua. No passado se envolveu com movimentos de pichação e trabalhou em um projeto educacional com menores infratores ensinando *break*. Consome a erva há 10 anos, pois ela o ajuda com problemas de ansiedade e hiperatividade. Já se aproximou do movimento religioso Rastafari e sua droga favorita é a maconha, porém também consome álcool com frequência.

Cabelin – Políticas Públicas, 22 anos, solteiro. Oriundo da baixada fluminense, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Quando adolescente jogava futebol profissionalmente. Mudou-se para Angra em 2014 e passou a consumir maconha quando entrou na universidade. Mesmo tendo contato direto com a substância na universidade ele não passou a fazer uso rotineiro da mesma, mesmo assim já passou por procedimentos de enquadramento policial. Sua droga preferida é o álcool.

Pita – Pedagogia, 24 anos, solteira. Nascida no interior do estado do Rio de Janeiro mudou-se para Angra dos Reis em 2016. Está relacionada com movimentos culturais de crenças a astrologia e é artesã. Consome a erva a 8 anos e sua droga preferida é a maconha, mas também consome tabaco a álcool, e já fez uso de outras substâncias psicoativas como ácido e cogumelo. Possui um diferencial de não recorrer ao comércio local, pois planta em sua cidade natal.

Menor – Políticas Públicas, 20 anos, solteiro. Nascido na baixada fluminense, se mudou para Angra dos Reis em 2015. Teve contato com outras rodas de fumo ao estudar em outra universidade frequentando um curso técnico. Consome a erva a 4 anos fazendo uso constante e rotineiro da mesma, também consome álcool e lança perfume com regularidade. Além das atividades acadêmicas possui um trabalho formal no centro da cidade. Sua droga preferida é a maconha.

Adiante farei observações acerca da realidade dos usuários e de seu cotidiano, destacando alguns fatores fundamentais para a construção da relação do usuário com substância, seu contexto social e relações.

Iniciação ao uso: aprendendo com os mais velhos

“Desde pequeno eu sempre ouvia a minha vó dizendo que as pessoas estavam “emacanhada”, achava estranho, mas não parecia ser uma coisa ruim já que meus amigos da escola, e depois eu descobri que os meus irmãos mais velhos também

fumavam. O primeiro dia que dei um “tapa”⁶ foi quando meu irmão chegou no quarto em que eu estava, “bolou” um “baseado”⁷, deu uns “pega”⁸, apagou o cigarro e saiu para se encontrar com sua namorada. Na época eu era adolescente e estava querendo experimentar coisas novas, acendi o “baseado”, dei dois pega e “derreti” na cama.” (Lazo, MG)

Segundo Heanman (1982), todos antes de iniciar o processo de consumo já possuem uma ideia (“consenso imaginário”) em torno da maconha, essa ideia é fruto do discurso “médico-legal” que classifica a cannabis como “droga”, onde são enfocadas pela mídia como fonte de informação social suas características danosas à saúde e de dependência.

Podemos observar que como o interlocutor veio do interior, a percepção de seu ciclo de socialização primária parte de uma ideia conturbada relacionada à cannabis. Durante as conversas Lazo ainda chegou a apontar que a categoria “emacanhada” usada por sua vó era usada para apontar pessoas sobre o efeito de qualquer tipo substância ilícita.

A maioria dos entrevistados relata que suas primeiras experiências ocorreram na presença de amigos e pessoas que já mantinham esse hábito, Becker, (1966) *apud*. MacRae e Simões (2000) destacam então a importância de usuários experientes no processo de iniciação como uma espécie de orientador, ensinando técnicas e expandido o ciclo de relação dos novatos.

“- Ai lazo, sai com uma “mina”⁹ esse final de semana e ela “queimava”¹⁰, a gente foi até fazer o “corre”¹¹ e até aí tudo bem, mas nem eu nem ela sabíamos “bolar”¹², tivemos que esvaziar um cigarro para encher de maconha. Você bem que podia me ensinar né?” (Cabelin, RJ)

O primeiro processo de aprendizado corresponde ao exercício de tragar. A maioria dos interlocutores afirmou que aprenderam a tragar observando os usuários mais experientes, e após adquirirem o hábito desenvolveram suas próprias técnicas para tal exercício. O exercício ainda é pior para os que não fumam tabaco. *“- Óh, cê puxa a fumaça pra boca, respira ela pro pulmão e solta. Mas puxa pouco porque se não*

⁶ Corresponde ao ato de tragar apenas uma vez.

⁷ Cigarro de maconha.

⁸ Sinônimo de “tapa”, “tragar” ou seja, fumar.

⁹ Mulher, garota.

¹⁰ Também fumava.

¹¹ Ato de ir comprar a substância.

¹² Bolar é o mesmo que enrolar o cigarro, o deixando pronto para o consumo.

engasga. Cê ainda num “fragô”¹³ direito como faz né Cabelin” diz Lazo ao explicar para Cabelin como se traga.

O segundo processo de aprendizagem permeia pela percepção dos efeitos da maconha no indivíduo, além dos fisicamente perceptíveis como “boca seca” e “fome”. O relato ilustra como a substância provoca fome e os usuários tendem a buscar auxílio com as pessoas que pertencem ao seu grupo. Esta etapa de iniciação ao uso também faz parte do processo de percepção dos efeitos e aprendizagem.

“Mano, você não sabe o que o Menor aprontou ontem. Era 3:00 da manhã e eu estava dormindo, ele foi lá em casa pra vê se tinha alguma coisa pra “laricar”¹⁴. O “bicho” tava “chapado”¹⁵.” (Cabelin, RJ)

. Os mecanismos de controle, não só estatais, mas também familiares acabam por gerar um sigilo no compartilhamento da experiência ilícita de consumir a erva, formando assim, conseqüentemente, laços de amizade e uma comunhão de valores entre usuários. (MacRae e Simões, 2000)

A “roda de fumo” é caracterizada justamente pela tentativa de sigilo na prática de fumar maconha. Para que essa tentativa se justifique os usuários ficam todos juntos e o “baseado” passa de mão em mão. Essa prática, segundo as pesquisas de MacRae e Simões (2000), serve como um seletor da rede de contatos que se baseia na confiança, ou seja, aproxima algumas pessoas enquanto afasta outras. A partir do momento que o indivíduo consolida uma auto-imagem positiva enquanto usuário, ou seja, ao contrário dos estereótipos negativos como “drogado” e “viciado”, a maconha passa a ter um sentido prazeroso e pacífico.

O uso da maconha e o cotidiano pessoal

A partir do momento que o uso se torna mais solitário, é comum segundo MacRae e Simões (2000) relatos de uso exagerado, fazendo com que muitos usuários passem a conciliar e escolher momentos específicos e de lazer para se utilizar a maconha, com motivos de queda de rendimento profissional e falta de concentração.

¹³ “Fragô?” de acordo com Lazo significa “entendeu?”. Fazendo referência ao ato de flagrar.

¹⁴ Ato ou vontade de comer após ter consumido cannabis.

¹⁵ Expressão usada para apontar um usuário sob efeitos de entorpecentes.

“Ai galera, eu só vou dar uns “pega”¹⁶ porque eu tenho que estudar.”(Cabelin, RJ). Lembrando que este trabalho não exclui os casos que certos usuários conseguem conciliar seus afazeres diários mesmo utilizando a maconha antes de qualquer situação.

Em atividades rotineiras e cotidianas, os pesquisadores MacRae e Simões (2000) analisaram os efeitos do uso da cannabis sobre atividades como trabalhar, dirigir, manter relações sexuais, criar e dormir, por exemplo. A partir do momento que o usuário cria certa familiaridade com a erva, o usuário aprende a controlar seus efeitos e também programar seu uso de maneira que não afete no rendimento de seus afazeres.

De acordo com meus interlocutores, há certas atividades que são favorecidas pela cannabis, como por exemplo, ouvir música, desenhar, dançar, tocar algum instrumento musical, sendo descritas pelos entrevistados como forma de aprimoramento da sensibilidade e da percepção.

O cheiro da maconha e os olhos vermelhos são para MacRae e Simões (2000) os dois fatores mais importantes com relação à dissimulação de indícios que podem revelar a prática ilícita. O cheiro segundo os autores podem ser mascarados com incensos e portas e janelas fechadas, assim como perfumes e balas, e os olhos vermelhos com a utilização de colírio e óculos escuro. *“Cara, eu comprei pau santo e “queimo” toda vez que vou “pitar”¹⁷. É muito bom, além de tirar a marola purifica o ambiente.” (Pita, RJ)*

Alguns interlocutores ainda relataram que conhecem usuários “viciados” em colírio e que é muito difícil a percepção dos indícios de se ter usado maconha por quem não é usuário.

Adquirindo o produto

A construção da BR-101 (Rodovia Rio-santos) intensificou a separação social e aumentou a especulação imobiliária principalmente nas zonas perto do mar. Por Angra dos Reis ser um município no interior, as atividades de comércio de entorpecentes se concentram em algumas áreas, geralmente periféricas, de difícil acesso. “Favelas”, “morro” e “boca” são os termos usados pelos interlocutores para fazer referência aos lugares de compra, assim como o “corre” significa a atitude de ir comprar a substância.

Para assegurar a compra em um mercado de origem variável os usuários tendem a se organizar em pequenas “cooperativas de compra” totalmente informais, justamente devido à ilegalidade do mercado. Essas pequenas “cooperativas” são definidas como

¹⁶ Dar “uns pega” também é uma referência que os interlocutores fazem sobre o ato de fumar.

¹⁷ Pitar significa a ação de fumar.

“vaquinhas” pelos próprios usuários, e funcionam de maneira a ser mais vantajosa a compra em maior quantidade para posteriormente ocorrer uma subdivisão entre os participantes.

Vale ressaltar que para além das “vaquinhas”, alguns interlocutores compram a substância de forma individual, isto está relacionado com a frequência do uso de cada um e também com o conhecimento de técnicas para se comportar em uma “boca de fumo”. *“Mano, fui na ‘sapa 1’¹⁸ ontem e só tinha ‘dola’¹⁹ de 10”. É foda! Não gosto disso: gosto de comprar ‘galo’²⁰ porque rende mais e evita ter que ficar fazendo corre toda hora”. (Lazo, MG)*

Riscos são analisados principalmente de duas ameaças principais: a polícia e o crime. O “avião” que é o encarregado de ir buscar por determinações de coragem e contato, na primeira ameaça pode ser abordado pela polícia e sofrer com humilhações, violências, chantagens e até mesmo ser preso. Já na segunda ameaça, o avião está sujeito à exposição do crime, correndo o risco de ser enganado, assaltado ou então estar presente em conflitos do movimento do tráfico com rivais ou policiais.

A substância de modo geral é classificada pelos interlocutores como uma maconha de baixa qualidade, além de ser “prensada” como sugere Veríssimo (2013) na citação a seguir:

A maconha prensada, de origem paraguaia, encontrada em grande escala nos mercados clandestinos estabelecidos na América do Sul, por sua vez, contém, além das flores (que, nesse caso, nem sempre são colhidas em sua plenitude de sabor e qualidades psicoativas), folhas, talos, e outras *impurezas*, formando uma matéria sólida e dura. Não raro, é armazenada por meses em condições que quase nunca são as melhores para a manutenção de suas qualidades. Isso permite a existência de agentes tóxicos no produto, como mofo, amônia, fungos, etc. O uso do termo “*prensado*”, para referir-se à mesma coisa (o derivado da maconha que abastece os mercados clandestinos na parte mais ao sul da América do Sul). (Veríssimo, 2013, P.12)

Podemos compreender que a procedência da substância segue padrões ilegais. Vale ressaltar que esse afastamento que o Estado tem do comércio da substância compromete a saúde do usuário, uma vez que não existe nenhum critério de regulamentação e avaliação da substância. *“Ai mano, fiz maior corre e o ‘boldo’²¹ não tava bom. Tava cheio de mofo, mas fazer o que, já tinha ²²subido mesmo.” (Menor, RJ)*

¹⁸ Sapa 1 é um dos nomes dos morros frequentados pelos interlocutores.

¹⁹ “Dola” significa uma quantidade menor da maconha já embalada e pronta para comercialização.

²⁰ Corresponde a quantidade da droga prensada e já embalada de acordo com o preço, no caso, R\$ 50,00.

²¹ maconha

²² É a ação de subir as escadarias da comunidade para se comprar a maconha.

Conclusões

Este trabalho buscou descrever o ambiente sociocultural em que se ocorre o uso da maconha em camadas médias urbanas, especificamente com universitários no município de Angra dos Reis. Inserir-me nesse campo foi uma forma de me ampliar à compreensão de diversos significados atribuída ao uso e as experiências com psicoativos ilegais.

Não busquei aqui fazer uma avaliação de impacto da política pública em questão, apenas busquei descrever o funcionamento e estrutura da mesma a partir do contexto municipal, refletindo assim sobre a percepção do Estado sobre a repressão ao comércio ilegal e o uso da cannabis, e sobre a percepção do usuário e sua relação com a substância, analisando a partir do contexto social.

As “rodas de fumo” são importantes para a compreensão da utilização da maconha entre os usuários, tendo papel fundamental na disseminação de técnicas de uso e compra, formando assim redes de cooperação. É importante destacar nas conclusões a técnica das “vaquinhas” e “cooperativas” de compra justamente pelo alto índice de prisões de usuários de drogas.

As políticas públicas com relação às drogas sofreram grande mudança após a ditadura militar, com maior defesa ao usuário, porém continuam não considerando o estado psíquico do usuário e o contexto sociocultural em que se dá o uso, não diferenciando nem mesmo as diversas substâncias psicoativas.

Assim, este trabalho visa contribuir para a formulação de políticas públicas que olhem para o usuário de forma horizontal, e que essas políticas públicas levem em conta a cultura presente entre esses usuários, objetivando assim a construção de políticas de baixo para cima e de redução de danos.

Baseado nos dados etnográficos produzidos no trabalho de campo no COMEN é possível afirmar que as políticas públicas não tratam o caso das drogas como um problema de saúde pública, mas sim de segurança pública, adotando medidas proibicionistas, colaborando assim para o fortalecimento da “guerra às drogas”.

As políticas públicas sobre drogas, especificamente no contexto municipal analisado, ainda permanecem inseridas e motivadas pela “guerra às drogas”, priorizando a repressão ao uso e a erradicação da oferta das drogas. Ressalto para finalizar que constatei que os de uso e os espaços onde é discutido esse assunto são espaços com

ideologias completamente diferentes e que não dialogam entre si. Portanto, este trabalho é um convite para uma reflexão sobre a discussão das drogas no campo da saúde pública, assim como a Cannabis Medicinal.

Referências

BECKER, H. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar. 2008 [1963].

FERNANDES, F. M. B. **Considerações Metodológicas sobre a Técnica da Observação Participante**. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. **Caminhos para análise das políticas de saúde**, 1.ed.– Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015. p.487-503.

POLICARPO, Frederico. (2007), **O Programa Justiça Terapêutica da Vara de Execuções Penais do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, PPGA/UFF.

POLICARPO, Frederico. (2016), **“Ou a gente controla o Estado, ou o Estado controla a gente”**: notas etnográficas sobre o Conselho Municipal de Entorpecentes de Angra dos Reis. Mercado de Letras, Campinas/SP.

POLICARPO, Frederico. **Velhos usuários e novos traficantes? Um estudo de caso sobre a atualização da nova Lei sobre Drogas na cidade do Rio de Janeiro**. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 6 - no_1 - JAN/FEV/MAR 2013

MACRAE, E. SIMÕES, J. **“Rodas de fumo – O uso da maconha entre camadas médias urbanas”**. CETEAD/UFBa, Salvador, 2000.

VERÍSSIMO, M. **Maconheiros, fumons e growers: um estudo comparativo do consumo e do cultivo caseiro de canábis no Rio de Janeiro e em Buenos Aires**. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Niterói, 2013.

ZINBERG, N. **Drug, set and setting: the basis for controlled intoxicante use**. New haven: yale University Press, 1984.